

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC HEBERT OREMPÜLLER DO NASCIMENTO

A SURPREENDENTE TRINDADE DE CLAUSEWITZ E O GRUPO TERRORISTA
HEZBOLLAH

Rio de Janeiro

2007

CC HEBERT OREMPÜLLER DO NASCIMENTO

A SURPREENDENTE TRINDADE DE CLAUSEWITZ E O GRUPO TERRORISTA

HEZBOLLAH

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais.

Orientador: Alberto José Pinheiro de Carvalho

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2007

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	DEFINIÇÕES	5
2.1	Os conceitos de guerra.....	5
2.2	A Surpreendente Trindade de Clausewitz.....	7
2.3	Os conceitos de terrorismo.....	8
3	O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO	10
3.1	Origens.....	10
3.2	A contextualização atual.....	11
3.3	Perspectivas para o Islã.....	12
4	A ORGANIZAÇÃO TERRORISTA HEZBOLLAH	12
4.1	Origem e evolução.....	12
4.2	Objetivos.....	13
4.3	Métodos e meios.....	13
5	A SURPREENDENTE TRINDADE E O HEZBOLLAH	14
5.1	O povo.....	14
5.2	O comandante e o seu exército.....	15
5.3	O governo.....	15
6	CONCLUSÃO	15
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

Estabelecer uma relação entre os conceitos de Karl von Clausewitz¹ e as recentes ações de organizações terroristas, pode parecer, à primeira vista, descabido, na medida em que são eventos afastados por quase dois séculos. Na realidade torna-se um desafio tentar compreender o nível de mutabilidade dos conceitos clássicos da guerra em relação aos eventos belicosos dos dias atuais.

A humanidade sempre teve motivos para condenar a guerra, mas nunca foi capaz de extingui-la. No despertar da civilização humana as divergências já aconteciam. Houve períodos de relativa tranqüilidade e períodos de guerras e disputas que pareciam eternas. As motivações dessas guerras, invariavelmente, estão relacionadas às disputas que envolvem poder, política, religião e economia. Todos estes ingredientes, juntos ou não, fazem com que grandes exércitos e populações se vejam diretamente envolvidos em conflitos armados que, muitas das vezes, levam a conseqüências inimagináveis.

Ao longo dos séculos o que se viu foi a repetição sistemática de conflitos armados. Em paralelo, alguns estudiosos e historiadores registraram seus relatos e suas convicções acerca daquilo que viam e achavam ser merecedor de considerações históricas e técnicas relativas à política e às guerras. Desses pensadores, podemos destacar Sun Tzu, Aristóteles, Santo Agostinho, Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Jomini e Clausewitz, que muito contribuíram para que análises posteriores fossem utilizadas nos níveis estratégico e tático em campanhas e planejamentos militares. Atualmente, alguns desses conceitos são utilizados, inclusive no ambiente empresarial, transcendendo o contexto temporal de suas épocas.

O terrorismo, por sua vez, é um tema recorrente, que tem atormentado o mundo civilizado. Atrocidades foram e continuam sendo cometidas com base em argumentos diversos, muitas vezes sem sentido prático.

Uma questão é considerar ou não o terrorismo como um tipo de guerra. A par dessa consideração cabem ainda os seguintes questionamentos: os terroristas estariam utilizando os conceitos de guerra para empreender as suas ações? As organizações, como o

¹ Karl von Clausewitz – general prussiano que viveu entre 1780 e 1831 e deixou para a humanidade um tratado sobre política e sobre a guerra.

Hezbollah² teriam as suas ações de terrorismo fundamentadas, por exemplo, na Surpreendente Trindade³ de Clausewitz?

O objetivo deste trabalho é responder aos indigitados questionamentos, particularmente no que diz respeito ao Hezbollah. Para isso abordará, inicialmente, os conceitos da guerra, da Surpreendente Trindade de Clausewitz, do terrorismo e do fundamentalismo Islâmico. Em seguida descreverá sobre a organização Hezbollah. Na sua fase final apresentará um paralelo entre a Surpreendente Trindade clausewitziana e o grupo Hezbollah, seguido de uma conclusão.

² Hezbollah – O Hezbollah ou “Partido de Deus” é uma organização político-religiosa e miliciana, reconhecida no Ocidente e principalmente pelos EUA e Israel, como terrorista, devido à sua origem e evolução ao longo dos anos, sempre envolta em ações de terror, em especial na região do sul do Líbano e contra Israel.

³ Conceito clausewitziano onde a guerra é uma Surpreendente Trindade, composta pelo ódio, pela sorte e pela razão. (BRASIL, 2006, p. 3-25).

2 DEFINIÇÕES

Neste item serão apresentados os principais conceitos de guerra, da Surpreendente Trindade de Clausewitz e de terrorismo.

2.1 Os conceitos de guerra

A guerra é tão antiga quanto à civilização humana e ainda é exaustivamente discutida, tanto nos aspectos estratégicos, operacionais e táticos, quanto nos aspectos jurídicos e sociais.

Sun Tzu já dizia, há quase dois mil e quinhentos anos, que “A guerra tem importância crucial para o Estado. É o reino da vida e da morte. Dela depende a conservação ou a ruína do império.” (2007, p. 20). Em Houaiss a guerra está descrita como “[...] luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos” (2001). Já numa abordagem voltada para o aspecto moral da guerra, vemos de forma pessimista que:

A guerra situa-se numa outra realidade, na qual a própria vida está em jogo, a natureza humana é reduzida a suas formas elementares e prevalecem o interesse pessoal e a necessidade. Nessas circunstâncias, homens e mulheres fazem o que precisam fazer para salvar a si mesmos e a suas comunidades; e não há lugar nem para a moral nem para a lei. *Inter arma silent leges*: em termos de guerra, cala-se a lei. (WALZER, 2003, p. 3, grifo do autor)

Os diversos impérios que já dominaram grande parte da civilização não conseguiram harmonizar a relação entre as diversas culturas. As populações dominadas foram influenciadas, principalmente, no que diz respeito à fusão cultural entre o conquistador e o conquistado. Porém, esse fato nunca levou a uma paz duradoura.

Ainda que uma sociedade fosse organizada não era possível manter uma estabilidade capaz de garantir a própria existência ou domínio, como foi o caso dos sumérios quando “Por fim, a própria Suméria expirou [...] os povos do vale faziam florescer as sementes de sua própria destruição [...] Indivíduos que deveriam se unir, pois compartilhavam da mesma cultura e língua, atacavam-se e destruíam-se mutuamente [...]” (ABRIL LIVROS, 1995a, p. 32).

A guerra sempre esteve ligada à questão política, mesmo que a motivação principal, eventualmente, não fosse dessa natureza. Na evolução das teorias da guerra, suas definições e seus diversos tipos, surgiram novos termos, como por exemplo, a Guerra Cibernética e a Guerra Centrada em Redes (GCR). A GCR, por exemplo, nasceu de uma

mudança na sociedade devido à importância da informação em todos os campos de poder (informação verbal)⁴. No entanto, a idéia que se pretende transmitir quando se usa o termo “guerra” é a de disputa com o uso da força entre os oponentes.

Para Clausewitz “A guerra é [...] um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade.” (1984, p. 75). O general prussiano considera também que:

Dois motivos diferentes fazem os homens lutarem uns contra os outros: *sentimentos* e *intenções hostis*. A nossa definição baseia-se nestes últimos, uma vez que são o elemento universal. Não se pode conceber que exista nem mesmo o sentimento de ódio mais selvagem, quase instintivo, sem que haja uma intenção hostil, mas as intenções hostis muitas vezes não estão acompanhadas de qualquer tipo de sentimentos hostis - pelo menos por nenhum que predomine. Os povos selvagens são levados pela paixão, os povos civilizados pela mente. A diferença não está, entretanto, na respectiva natureza da selvageria e da civilização, mas sim nas circunstâncias, nas instituições e assim por diante, que as acompanham. A diferença não surte efeito, portanto, em todos os casos, mas sim na maioria deles. Até mesmo os povos mais civilizados, em suma, podem ser inflamados por um violento ódio uns pelos outros. (1984, p. 76, grifo do autor).

A análise da guerra pode ser feita de ângulos e momentos históricos diversos, mas devemos sempre ter como base os conceitos já existentes e tentarmos “testar” sua aplicabilidade em circunstâncias atuais. Quando o termo “guerra contra o terrorismo” foi usado pelo atual presidente dos Estados Unidos da América (EUA), George W. Bush, o mundo se viu carente de definições do que seria realmente o terrorismo e, também, se seria possível uma guerra, no sentido literal, sem um inimigo tangível em termos de Estado ou nação.

Uma definição de Corvisier (citado por ALMEIDA, 2005, p. 198) que amplia o conceito de Clausewitz e que extrapola o poder estatal é de que a guerra é a “[...] luta a mão armada entre duas partes consideráveis de pessoas que procuram, cada qual, fazer prevalecer suas pretensões ou defender-se contra as pretensões de outros.”

Se o terrorismo for considerado um tipo de guerra, deve ser enquadrado como guerra assimétrica, pois as diferenças em relação a uma guerra regular são inúmeras e, de uma forma geral, as assimétricas são aquelas “[...] em que os instrumentos usados se apresentam como anormais [...]” (BONANATE, 2001, p. 24). O Glossário das Forças Armadas define guerra assimétrica como:

1. Conflito caracterizado pelo emprego de meios não-convencionais contra o oponente, normalmente pela parte que se encontra muito inferiorizada em meios de combate.
2. Conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades.

⁴ Conceito apresentado em palestra ministrada ao CEMOS-2007 pelo Coronel (EB) Gilmar Pereira da Silva, do Ministério da Defesa, sob o tema “Doutrina Militar de Comando e Controle”, em 07 ago. 2007.

Trata-se de enfrentamento entre um determinado partido e outro com esmagadora superioridade de poder militar sobre o primeiro. Neste caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular. (BRASIL, 2007, p. 123).

Pode-se afirmar que qualquer ato de violência, por mais absurdo que seja, se encaixa na guerra, e não no não-guerra. O sentido é sempre na direção dos limites da moral. (WALZER, 2003).

2.2 A Surpreendente Trindade de Clausewitz

Os conceitos de Clausewitz são amplamente discutidos ainda nos dias de hoje, a despeito de qualquer Revolução nos Assuntos Militares (RAM)⁵, como consideram alguns estudos sobre a RAM que “A estrutura fundamental da força armada, tal como concebida por Clausewitz, Jomini, Mahan e Douhet será substituída por forças polivalentes, menores e dedicadas à aplicação das estratégias indiretas propostas por Sun Tzu e Lidell-Hart.” (BRASIL, 2006, p. 7-17).

Há aqueles que alegam que os conceitos de Clausewitz não são válidos hoje, uma vez que foram concebidos numa época em que as relações político-sociais eram bem diferentes dos dias atuais. No entanto, pode-se valer desses conceitos históricos para avaliar situações atuais, ainda que “Não obstante, até hoje, nenhum líder militar ou filósofo teve a ousadia de anunciar: eu descobri as regras da vitória! Nem mesmo a tarefa de atribuir nomes a essas regras foi completada.” (LIANG; XIANGSUI, 1999, p. 173).

Para Clausewitz o ódio, a sorte e a razão são os componentes da guerra e estão relacionados respectivamente ao povo, às forças combatentes e à política. No povo residem a violência e a paixão, onde morariam os ressentimentos e o eventual desejo de vingança ou conquista. “Ao considerar a possibilidade do povo em armas, Clausewitz permite reconhecer a guerrilha popular como um fenômeno bélico ou político, e não mais apenas como banditismo ou distúrbios sociais.” (BRASIL, 2006, p. 3-26). No campo da incerteza e chance estariam o exército e seu Comandante, que deveriam bem representar esse povo nas suas ações. E para coordenar e fazer valer a vontade do povo, com a força do exército, entraria o governo com a sua política.

Clausewitz afirma, também, sobre a Surpreendente Trindade que:

⁵ Revolução nos Assuntos Militares (RAM) - são mudanças de paradigma na natureza e condução das operações militares que tornam obsoletas ou irrelevantes certas capacidades de algumas forças armadas da época, ou que criam novas capacidades em novas dimensões da guerra, ou ambos os casos. (BRASIL, 2006, p. 3-1)

Estas três tendências são como três códigos de leis diferentes, profundamente enraizados em seu tema e, contudo, variáveis em sua relação uns com os outros. Uma teoria que ignore qualquer um deles, ou que procure estabelecer uma relação arbitrária entre eles, estaria a tal ponto em conflito com a realidade que somente por esta razão seria totalmente inútil. (1984, p. 93)

2.3 Os conceitos de terrorismo

Nesta análise vamos desconsiderar as ações terroristas de origem puramente psiquiátrica e as de motivações apocalípticas, pois são vistos como atos de destruição sem qualquer propósito “terreno”, ou seja, não existem bases políticas, econômicas ou sociais para as suas ações.

O terrorismo está despertando tantas inquietações nos vários setores da comunidade internacional que têm sido elaboradas várias definições para esse fenômeno. Há quem seja simplista e há os prolixos; mas o que se vê é a banalização do termo que, por si só já está associado a qualquer coisa que tenha um efeito danoso, tanto nos aspectos pessoais quanto nos sociais. Criou-se, então, um rótulo para o termo: se é muito ruim é terrorismo!

Não há consenso em termos de definição, mas há diversas linhas de raciocínio que tentam cercar uma idéia principal: a violência de seus atos. Cabe notar que aspectos históricos já demonstravam ocorrências que podem ser associadas ao terror, como:

A agressão [...] era legitimada pela religião assíria: conquistar era a missão divina dos reis. [...] No começo do século IX a.C. e do reinado de Assurnasirpal II [...] “Provoquei grande morticínio”, vangloriou-se ele. “Destruí, demoli, queimei. Aprisione os guerreiros deles e empalei-os diante de suas cidades.” Após saquear uma cidade, empilhou os cadáveres como lenha do lado de fora dos portões. “Esfolei os nobres, tantos quantos se haviam rebelado, e estendi suas peles sobre as pilhas.” [...] “Muitos dos cativos queimei numa fogueira. Muitos levei vivos; de alguns, cortei fora as mãos, de outros o nariz, orelhas e dedos; arranquei os olhos de muitos soldados. Queimei até a morte os homens e mulheres jovens.” Isso era uma novidade. Com certeza, o Oriente Médio estava acostumado ao horror e os assírios tinham cometido muitas atrocidades antes. De agora em diante, porém, a região se confrontaria com uma sucessão de reis assírios que deliberadamente praticariam e proclamariam mutilações, esfolamentos, empalações e outras atrocidades, com o objetivo de **espalhar o horror** e assim encorajar a submissão. (ABRIL LIVROS, 1995b, p. 24, grifo nosso).

Magnoli define terrorismo clássico como “[...] a **ação política** que luta contra o poder estabelecido por meio de atos de **violência** dirigidos a civis ou militares não combatentes.” (2004, grifo nosso)⁶. Os atos de violência de qualquer natureza, praticados individualmente ou de forma coletiva, possuem motivações que podem ter diversas origens.

⁶ http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=228&ed=1

Há de se considerar a chamada “hipótese de frustração-agressão” como causa de atos violentos que, segundo Hudson, é:

Uma hipótese que toda frustração conduz a alguma forma de agressão e todo ato agressivo é o resultado de um pouco de frustração anterior. Como definida por Ted Robert Gurr: “A condição prévia necessária para o conflito civil violento é a privação relativa, definido como a percepção de atores de discrepância entre as suas expectativas de valor e as capacidades de valor aparentes do ambiente deles. Esta privação pode ser individual ou coletiva.” (1999, p. 141, tradução nossa)⁷.

Nas grandes cidades os crescimentos da infra-estrutura e da população fazem com que a “ameaça urbana” aumente. Essa “ameaça urbana” vai se materializar principalmente nos atos de violência do banditismo. Porém, apesar da tentativa de algumas pessoas de enquadrar o banditismo na categoria de terrorismo, as diferenças são várias, dentre as quais a principal é a causa política definida. O banditismo visa tão somente o lucro ou benefício direto dos praticantes e não possui motivação ligada à política, ao contrário do chamado terrorismo clássico, que uma vez atingidas as suas reivindicações, os atos de terror tendem a ser interrompidos. Um exemplo recente é o caso do Exército Republicano Irlandês (IRA)⁸, que atormentou a Irlanda do Norte desde a década de 1970:

O IRA - Exército Republicano Irlandês - anunciou formalmente, ontem, o fim da luta armada e a decisão de lutar pelos seus objetivos apenas por meios políticos e pacíficos. Em comunicado, aguardado há já algum tempo, a organização anunciou que seguirá o "caminho democrático", pondo fim a mais de 30 anos de violência. Está, portanto, relançado o processo de paz na Irlanda do Norte (CARNEIRO, 2005)⁹.

Não se quer dizer que os atos terroristas do IRA levaram a um acordo de paz, pois as negociações são condicionadas à suspensão desses ataques e não fruto deles.

O dicionário Houaiss (2001) define terrorismo como “modo de impor a vontade pelo uso sistemático do terror” ou “emprego sistemático da violência para fins políticos, especialmente a prática de atentados e destruições por grupos cujo objetivo é a desorganização da sociedade existente e a tomada do poder” ou ainda “regime de violência instituído por um governo.”. Observa-se na última definição uma alusão ao chamado terrorismo de Estado¹⁰.

Diniz define terrorismo como:

[...] uma forma específica de **luta política**, um estratagema voltado para alterar rapidamente a correlação de forças. Tem como fim uma meta política; emprega como meio de ação uma forma específica sobre o emprego da força

⁷ Original em inglês.

⁸ IRA – Irish Republic Army.

⁹ <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=728>

¹⁰ Terrorismo de Estado – aquele que é praticado ou patrocinado por um Estado.

- **o terror**; mas emprega-a não de forma a produzir imediatamente aquela meta política, isto é, não visa a dissuadir nem a compelir, mas sim a induzir no alvo um comportamento que permita derrotá-lo (2002, grifo nosso)¹¹.

Como as definições de terrorismo não são o foco deste trabalho, vamos assumir a definição do Glossário das Forças Armadas, que atende ao propósito em questão:

Forma de ação que consiste no emprego da **violência física ou psicológica**, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos adversos, apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou mesmo **toda a população** a adotar determinado comportamento. É motivado e organizado por **razões políticas**, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais. (BRASIL, 2007, p. 253, grifo nosso).

O terrorismo possui uma característica de aleatoriedade dos alvos, que faz com que a componente surpresa também apareça. Suas ações são programadas pelo nível político-estratégico e rapidamente executadas pelo nível tático, de forma a surpreender e aterrorizar o inimigo.

A essa altura já é possível notar a presença dos componentes da guerra de Clausewitz nas indigitadas definições de terrorismo.

3 O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

Para Hudson o termo fundamentalismo religioso “[...] is used to refer to people who dedicate their lives to pursuing the fundamentals of their religion.”¹²(1999, p. 140). A interpretação dada aos preceitos da religião é que determina o *modus operandi* dos fundamentalistas. O fundamentalismo islâmico é hoje o mais em evidência, principalmente porque vem sendo associado às organizações terroristas que promoveram alguns dos atentados terroristas mais recentes.

3.1 Origens

As cavernas do monte Hira, nos idos do ano 610 d.C., abrigava um homem que mudaria a história de toda a região e da humanidade: Mohammed, mais conhecido como Maomé. Essa história conta que, a partir de uma visão do anjo Gabriel, Maomé começou a “recitar” o que mais tarde viria a ser transcrito e conhecido como Corão ou Alcorão, livro

¹¹ <http://www.cienciapolitica.org.br/encontro/relint6.3.doc>

¹² “[...] é usado para se referir às pessoas que dedicam suas vidas a procurar os fundamentos das suas religiões.” (Tradução nossa).

sagrado dos muçulmanos. Esse acontecimento fez com que nascesse o Islã¹³, e os árabes, então, passaram a ser monoteístas, assim como os judeus e os cristãos. Na Surata¹⁴ da Vaca pode-se constatar o monoteísmo:

Deus é o único Deus; não existe outro Deus além dele, o vivo, o imutável. Nem o torpor, nem o sono exercem domínio sobre ele. Tudo quanto existe nos céus e na terra pertence-lhe. [...] Seu trono se estende sobre os céus e sobre a terra, e sua conservação não lhe dá trabalho algum. Ele é o altíssimo, o grande (Corão, II- 256). (DERMENGHEM, 1957, p. 95).

O povo árabe, então, se tornou mais unido em torno do islamismo, e chegaram a formar um grande império que “ia da Espanha e do Marrocos, no Ocidente, até o Afeganistão e o Paquistão, no Oriente” (CAVALCANTE, 2007, p. 29).

Como Maomé viveu o suficiente para fazer valer a sua pregação, combateu efetivamente os politeístas e conquistou Meca para ser o centro do Islã, pode estar aí a origem da forte ligação entre o Estado e a religião no caso dos Estados islâmicos. Maomé conseguiu tornar concreto o que pregava, ou seja, por meio da religião foram ditadas regras nas áreas políticas, econômicas e sociais. Essa ligação pode ter sido herdada pelas gerações seguintes, chegando até os dias atuais. (CAVALCANTE, 2007).

3.2 A contextualização atual

A partir dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 aos EUA, o Ocidente voltou mais a atenção para o mundo islâmico, buscando explicações para o que acontecera. A reação norte-americana levou a opinião pública internacional a diversos questionamentos, principalmente os de ordem legal, uma vez que não há entendimentos claros sobre como se deve reagir aos atentados terroristas internacionais. Assim, diversas interpretações podem surgir, como na guerra contra os Talibãs no Afeganistão, que “[...] eles nem mesmo fingiram ser humanitários imparciais. Foi uma guerra basicamente rudimentar de vingança, planejada em grande medida para apaziguar a opinião pública americana.” (ALI, 2006, p.12).

Nesse sentido, o Islã sofreu e sofre com diversas interpretações sobre suas convicções religiosas. Na mesma medida em que se diz, no Ocidente, que a religião muçulmana não é a causa das ações terroristas, aqueles que a praticam são vistos, via de regra, como elementos suspeitos, até porque:

[...] os terroristas não operam em terreno aberto como unidades armadas [...] evitam deliberadamente o engajamento em combate com forças militares

¹³ Islã – palavra que significa “submissão a Deus” (HOUAISS, 2001).

¹⁴ Surata - seção, versículo ou capítulo do Corão (HOUAISS, 2001).

inimigas e raramente exercitam qualquer controle ou soberania diretos sobre o território ou população. (WHITTAKER, 2005, p. 27).

Assim, esses elementos podem estar em qualquer lugar, e podem ser ativados a qualquer momento.

3.3 Perspectivas para o Islã

Enquanto os Estados ocidentais tentarem “transformar” alguns Estados muçulmanos em “democracias”, os esforços de alguns grupos radicais desses Estados estarão voltados para a resistência. “A escalada da violência e do extremismo religioso tem reforçado no Ocidente o preconceito contra o mundo muçulmano. Enquanto as diferenças entre culturas afloram, as semelhanças perdem força.” (CAVALCANTE, 2007, p. 35).

Assim, a médio prazo não há perspectivas para uma relação sem desconfianças entre os Estados do Ocidente e os do mundo islâmico.

4 A ORGANIZAÇÃO TERRORISTA HEZBOLLAH

O Hezbollah ou “Partido de Deus” é uma organização político-religiosa e miliciana¹⁵, reconhecida no Ocidente e principalmente pelos EUA e Israel, como terrorista, devido à sua origem e evolução ao longo dos anos, sempre envolta em ações de terror, em especial na região do sul do Líbano e contra Israel.

4.1 Origem e evolução

A Revolução Islâmica no Irã, em 1979, e a invasão israelense no sul do Líbano, em 1982, são os fatos que deflagraram a formação do Hezbollah por clérigos xiitas¹⁶. Seus membros são muçulmanos xiitas. O grupo vem sendo financiado e armado pela Síria e, principalmente, pelo Irã. (WHITTAKER, 2005).

Fundindo a orientação política e o fundamentalismo islâmico, a partir de 1992 o grupo passou a ocupar cargos públicos na política do Líbano, dando assim um passo mais

¹⁵ Qualquer organização de cidadãos armados que não integram o exército de um país ou ainda grupo de militantes de entidade religiosa, política etc (HOUAISS, 2001).

¹⁶ Xiismo - ramo da crença muçulmana caracterizado pela convicção de que a sucessão religiosa e política do profeta Maomé, o fundador da religião, deveria ter se restringido a membros de sua família e descendentes, obedecendo ao critério permanente de consangüinidade (tal convicção terminou por condicionar historicamente uma atitude de maior ortodoxia e zelo pela tradição do que a de seus opositores, os sunitas.) (HOUAISS, 2001).

largo, e com cunho de legalidade, no poder de influência na região e no mundo islâmico. Hoje, a milícia:

[...] é uma força irregular muito bem equipada e adestrada. [...] tem seus três braços irregulares perfeitamente constituídos. O braço armado, ostensivo, a força da guerrilha, apta, inclusive, a ações limitadas de conquista e manutenção de acidentes capitais no terreno; o braço clandestino, a força subterrânea, responsável pelas ações de subversão, sabotagem e de terrorismo seletivo e indiscriminado; e o seu braço logístico, a força de sustentação, com cadeias de suprimento muito bem estruturadas. (PINHEIRO, 2006).¹⁷

4.2 Objetivos

Desde a sua criação os objetivos do grupo são: a criação de um Estado islâmico no Líbano, nos moldes do Irã e a destruição do Estado de Israel.

Dentro dessa postura o Hezbollah já comemorou a saída das tropas israelenses do Líbano em 2000, o que foi considerado pelo grupo e pelos libaneses como uma vitória após 22 anos de ocupação, pois “O Hezbollah havia mostrado que não era preciso se render, que o exército mais poderoso do Oriente Médio podia ser humilhado. Os libaneses haviam provado isso durante o cerco de Beirute em 1982. Os palestinos aprenderam.” (FISK, 2007, p. 917).

4.3 Métodos e meios

A “cultura de violência” do Hezbollah é demonstrada, por exemplo, por meio da captura de reféns e atacantes com bombas. Aquela milícia “vê como autodefesa legítima a violência palestina em face da opressão de Israel.” (WHITTAKER, 2005, p. 112).

Os seqüestros de militares israelenses e os ataques a Israel com foguetes Katyusha¹⁸ a partir do Líbano, de forma quase simultânea às ações do Hamas¹⁹ na faixa de Gaza, deflagrou o último conflito com o Estado de Israel, em 2006.

As ações terroristas em geral, e com o Hezbollah não é diferente, são eminentemente táticas, ou seja, as orientações do nível político-estratégico são passadas rapidamente para o nível tático, achatando o nível operacional. Assim, pode-se afirmar que o

¹⁷ <http://opiniaoenoticia.com.br/interna.php?id=4900#>

¹⁸ Katyusha – foguetes de fabricação russa.

¹⁹ Hamas - é um partido político e movimento guerrilheiro palestino, cuja sigla designa o Movimento de Resistência Islâmica, ou seja, luta contra a existência do Estado de Israel (estado esse criado após a Segunda Guerra Mundial para abrigar judeus).

terrorismo, na verdade, possui uma vocação tática. Essa é a característica dos conflitos de baixa intensidade.

Os métodos utilizados pelo Hezbollah são táticos e sua estrutura no nível operacional praticamente inexistente. Cabe lembrar a característica de aleatoriedade das suas ações. Em geral o Hezbollah utiliza-se do seqüestro de pessoas e aviões e ataques a bomba, suicidas ou não.

Cabe lembrar ainda que a evolução tecnológica também favorece os grupos terroristas como o Hezbollah. Os recursos da internet, e-mail e criptografia permitem que seus membros se comuniquem, façam recrutamento, arrecadem recursos e assim adquiram uma maior segurança e flexibilidade nas suas operações. (MOCKAITIS; RICH, 2005).

5 A SURPREENDENTE TRINDADE E O HEZBOLLAH

A correlação dos elementos da Surpreendente Trindade de Clausewitz com as ações do “Partido de Deus” é uma tentativa de aproximar comparativamente duas épocas distintas, porém movidas pelas mesmas ambições e disputas humanas.

5.1 O povo

O Hezbollah possui uma relação com o povo libanês e com os palestinos que garante ao grupo uma boa aceitação. Tal fato deve-se a origem do grupo, em meio à ocupação israelense no sul do Líbano nos idos de 1982. Os palestinos que representavam mais ameaça a Israel já estavam refugiados no Líbano; eram os membros da Organização para a Libertação da Palestina (OLP):

Não se pode negar o efeito da presença palestina no Líbano. Em 1975, a população palestina – inchada pelos refugiados da conquista da Cisjordânia por Israel em 1967 e da guerra civil jordaniana – estava em torno de 350 mil. Mas agora também era uma presença armada, estabelecida pelos guerrilheiros da OLP e seus líderes, que haviam sido expulsos de Amã pelo rei Hussein. Beirute se tornara não apenas a capital cultural do movimento palestino mas também o quartel-general da Organização [...], de Yasser Arafat. Era, portanto, também uma capital “inimiga” para os israelenses. (FISK, 2007, p.120).

Ao prover diversos benefícios sociais no Líbano e ter uma relação de irmandade com os palestinos, em especial com o grupo Hamas, o Hezbollah consegue manter um respaldo para as suas ações e consegue manter um recrutamento constante de jovens xiitas. A

opinião pública libanesa vê na milícia uma forma de resistência às incursões israelenses na região e de apoio às diversas vítimas dos conflitos, bem como às suas famílias.

Tendo a opinião pública a seu lado o Hezbollah possui o primeiro elemento da trindade que é o povo libanês.

5.2 O comandante e o seu exército

Os seus braços armado e clandestino, juntamente com suas lideranças, constituem a sua sorte e acaso, ou seja, representam o seu exército e seu comandante.

A milícia do Hezbollah é treinada pela Guarda da Revolução Islâmica, do Irã, e possui um grupo bem formado para o enfrentamento no nível tático, principalmente, nas ações de seqüestros e ataques terroristas, além dos eventuais enfrentamentos com forças israelenses na zona de fronteira no sul do Líbano. (PINHEIRO, 2006).

5.3 O governo

Apesar de não representar o governo do Líbano, o Hezbollah possui uma liderança interna que mobiliza boa parte da população, especialmente os xiitas. Como já foi dito, atualmente o “Partido de Deus” possui representantes eleitos e ocupando parte importante das decisões políticas libanesas.

Independente de suas representações legalmente eleitas, o Hezbollah possui uma liderança no nível político-estratégico bem definida e determinada a dar continuidade a seus objetivos.

Desse nível político-estratégico emanam as regras de comportamento e como deve ser a ligação entre os elementos de subordinação ligados à milícia.

6 CONCLUSÃO

Apesar de toda a evolução nos campos tecnológicos e sociais, a humanidade continua a desafiar a paz. As guerras e enfrentamentos, entre Estados ou não, permeiam a sociedade e levantam questões sobre suas origens e objetivos. Karl von Clausewitz contribuiu para o entendimento da guerra, seja como fenômeno de uma continuidade política, seja como fenômeno social. Dentre seus conceitos a Surpreendente Trindade aparece com destaque para afirmar que a guerra é composta do ódio, do jogo do acaso e da probabilidade e da razão.

Traduzidos em povo, general e seu exército e governo, a Trindade se adapta às características exigidas pela situação. Assim, é possível trazer esses conceitos e aplicá-los nas situações atuais de enfrentamento.

A par das questões afetas à guerra e suas definições surgem novas situações que causam perplexidade se analisados sob o enfoque da violência. Nesse sentido, estão em voga os assuntos relativos ao terrorismo, que arrasta consigo o mundo islâmico, marginalizado no Ocidente como foco de origem de grandes atentados.

O Hezbollah, enquanto considerado um grupo terrorista, utiliza-se de artifícios de ordem tática para levar a cabo as suas ações. Não há espaço para um nível operacional, haja vista a baixa intensidade dos conflitos, além da aleatoriedade dos seus atos contra, principalmente, civis israelenses. A ligação entre o nível político-estratégico e tático, sem maiores interferências e com grande objetividade, tem feito com que suas ações tenham grande aceitação no mundo islâmico, em especial dos muçulmanos xiitas.

A relação entre os conceitos da Surpreendente Trindade de Clausewitz e as ações do grupo Hezbollah pode ser feita, ainda que possa exigir um pouco de abstração e serem guardadas as devidas proporções. Como o Hezbollah não é uma força regular alguns podem alegar que esses conceitos não são associáveis, mas ao reconhecer o povo como componente da guerra, o General prussiano abriu precedente para que se reconhecesse a guerrilha como um fenômeno concernente à guerra. Por associação, podemos também considerar o terrorismo. Assim, o ódio enraizado no povo representa o primeiro elemento. O próximo elemento é o da sorte, representado por Clausewitz como o comandante e o seu exército. Ainda que as ações terroristas individuais possam obscurecer esse elemento, é sabido que aquele indivíduo foi doutrinado e preparado pelos seus líderes para ser um combatente e passa a possuir característica de elemento operacional. Além dessas células, o Hezbollah possui uma milícia treinada e preparada para enfrentamentos de resistência, com poder suficiente para incomodar Israel e o Ocidente. Fechando a Trindade temos o “governo” paralelo do Hezbollah, assim chamado por possuir o poder de ditar as regras do jogo no nível político-estratégico, estabelecendo a doutrina e os objetivos estratégicos da organização.

Assim, é possível afirmar que os conceitos da Surpreendente Trindade de Clausewitz continuam válidos, ainda que adaptações na sua interpretação eventualmente se façam necessárias. No caso específico do Hezbollah, o grupo reúne a Trindade e, fruto da presença dessas características essenciais, resistiu a mais de vinte anos a uma ocupação israelense no Líbano e podemos considerar que continua a exercer forte influência ideológica no mundo islâmico, especialmente entre os xiitas.

REFERÊNCIAS

- ABRIL LIVROS. História em Revista: A era dos reis divinos. Rio de Janeiro: Abril, 1995a. 176 p.
- _____. História em Revista: Marés bárbaras. Rio de Janeiro: Abril, 1995b. 171 p.
- ALI, Tariq. *A nova face do império: os conflitos mundiais do século XXI*. Tradução de Babara Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 213 p.
- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves. A guerra como fenômeno sociopolítico. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 125, n. 01/03, p. 192-225, jan./mar. 2005.
- CAVALCANTE, Rodrigo. Islã. *Aventuras na História*. São Paulo, n. 48, p. 27–35, ago. 2007. Edição especial.
- BONANATE, Luigi. *A Guerra*. Tradução de Maria Tereza Buonafina e Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 175 p.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. *EGN-304B*. Guia de Estudos de Estratégia. Rio de Janeiro, 2006. 207 p.
- _____. Ministério da Defesa. *MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas*. 4. ed. Brasília, 2007. 278 p.
- CARNEIRO, Emanuel. *IRA renuncia às armas*. Historianet, [São Paulo], 2005. Disponível em: < <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=728> >. Acesso em: 25 jul. 2007.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Tradução de CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Rio de Janeiro, 1984. 845 p. Versão inglesa de: Michael Howard e Peter Paret. Original alemão.
- CORVISIER, André. *A guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1999 apud ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves. A guerra como fenômeno sociopolítico. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 125, n. 01/03, p. 192 - 225, jan./mar. 2005.
- DERMENGHEM, ÉMILE. *Maomé e a tradição islâmica*. Tradução de Ruy Flores Lopes, Rio de Janeiro: Agir, 1957. 192 p.
- HOUAISS. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- DINIZ, Eugenio. *Compreendendo o fenômeno do Terrorismo*. 1. ed. Niterói, jul. 2002. Disponível em: < <http://www.cienciapolitica.org.br/encontro/relint6.3.doc> >. Acesso em: 10 jul. 2007.
- FISK, Robert. *Pobre Nação: as guerras do Líbano no século XX*. Tradução de Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2007. 962 p.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 242 p.
- GARCIA, Francisco Proença. Tipologias de Guerra. *Triplov visor militar*, Lisboa, [2001]. Disponível em: < http://www.triplov.com/miguel_garcia/tipologias_de_guerra/outros_tipos.htm >. Acesso em: 20 jun. 2007.

- HUDSON, Rex A.. *The Sociology and Psychology of Terrorism: Who becomes a terrorism and why?* Washington, DC: The Library of Congress, 1999. 152 p.
- LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *A Guerra Além dos Limites: Conjecturas sobre a Guerra e a Tática na Era da Globalização*. Beijing: 1999. 255 p.
- MAGNOLI, Demétrio. Gramáticas do terror. *Revista Pangea*, São Paulo, 2004. Disponível em: < http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=228&ed=1>. Acesso em: 10 maio 2007.
- PINHEIRO, Álvaro. Israel, Hezbollah e o conflito assimétrico. *Opinião e Notícia*, [São Paulo], 2006. Disponível em: < <http://opinioenoticia.com.br/interna.php?id=4900#>>. Acesso em: 20 jul. 2007.
- SILVA, Gilmar Pereira da. Doutrina Militar de Comando e Controle. In: PALESTRA AO CURSO DE ESTADO-MAIOR PARA OFICIAS SUPERIORES (CEMOS), 2007, Rio de Janeiro.
- MOCKAITIS, THOMAS R.; RICH, Paul B.. *Grand strategy in the war against terrorism*. 1. ed. London: Frank Cass, 2005. 224p.
- WALZER, Michael. *Guerras justas e injustas: uma argumentação moral com exemplos históricos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 583 p.
- WHITTAKER, David J.. *Terrorismo – um retrato*. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005. 488 p.
- TZU, Sun. *A arte da guerra*. Tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2007. 152 p.